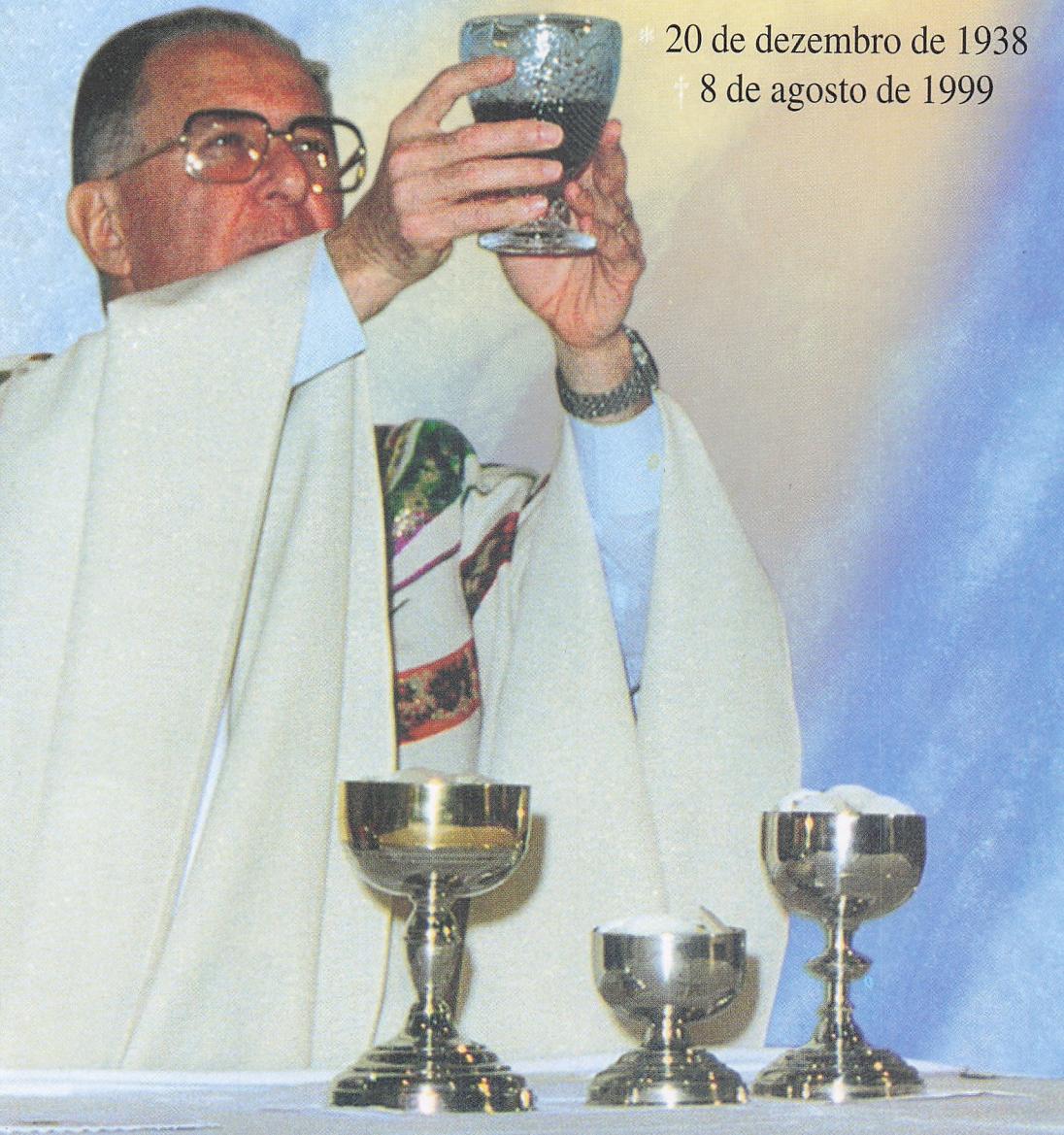


P. Antônio Hércio Rasera

* 20 de dezembro de 1938

† 8 de agosto de 1999



... que o tempo passa e os dias se sucedem.
... que a vida é um sonho que não acaba.
... que a morte é o fim da vida, mas não o fim da vida.
... que a morte é o fim da vida, mas não o fim da vida.
... que a morte é o fim da vida, mas não o fim da vida.
... que a morte é o fim da vida, mas não o fim da vida.
... que a morte é o fim da vida, mas não o fim da vida.

CARTA MORTUÁRIA DO P. ANTONIO HÉRCIO RASERA



* 20 de dezembro de 1938
+ 8 de agosto de 1999

1. Passou para a Casa do Pai

Dia 7 de agosto de 1999, sábado, retornou ao Instituto Pio XI o P. Antonio Hércio Rasera, após ter participado do retiro de uma semana com o clero da região Lapa. Estava muito alegre e comunicativo. Falou de sua bela experiência feita no retiro e dos preparativos que já estava fazendo para a festa dos pais, na Paróquia São João Bosco.

Na Paróquia, celebrou a missa das crianças das 16h30, e foi objeto de sua homilia o convite a estarem sempre preparados, pois não sabemos nem o dia, nem a hora, em que o Senhor virá!

Como de costume, nos sábados e domingos, nos encontramos ainda para o jantar e ali conversamos e brincamos sobre muitas coisas; não demonstrou ou queixou-se de qualquer problema de saúde, estava bem.

O P. Rasera retirou-se para o seu quarto para descansar e, segundo o médico, provavelmente, nesta mesma noite, o Senhor o chamou a si.

Solicitados por alguns paroquianos, sobre o não-comparecimento do P. Rasera para a primeira missa do domingo, fomos aos poucos descobrindo o que acontecera e só tivemos a certeza quando conseguimos entrar em seu quarto. Era o dia 8 de agosto de 1999. Fora acometido de um infarto fulminante enquanto dormia.

Seu corpo foi velado na Paróquia São João Bosco, no mesmo dia 8 de agosto, com missa de corpo presente, presidida pelo P. Helvécio Baruffi, Conselheiro Geral presente na Inspetoria para a visita canônica, concelebrada pelo Inspetor, P. Antonio Carlos Altieri, e por muitos salesianos. Foi significativa a presença do clero diocesano, especialmente na pessoa do Exmo. Sr. Bispo auxiliar de São Paulo, o Revmo. Sr. Dom Fernando Penteado, que fez a homilia, dos familiares, paroquianos e amigos de outros lugares onde o P. Rasera tinha trabalhado. Todos muito consternados com a repentina partida do querido P. Rasera.

A pedido da família, foi feito o seu translado para Piracicaba, sua terra natal, onde, na Paróquia Salesiana do Bom Jesus, deu-se continuidade ao velório, de madrugada, encerrado com uma missa exequial às 10h30, com a presença de muitas pessoas: familiares, salesianos, representantes do clero local, Dom Ercílio Turco, Bispo de Limeira e Dom Irineu Danelon, Bispo de Lins, que presidiu a celebração. Logo após a Eucaristia, deu-se o seu sepultamento no Cemitério da Saudade, junto ao túmulo dos seus pais,

entre preces e cantos de todos os presentes. A partida do P. Antonio Rasera, como escreveu uma comunidade salesiana das Filhas de Maria Auxiliadora, foi como o secar das flores, que ao morrer deixam sementes de saudades e de esperança!

2. Sua Família

Em 20 de dezembro de 1938, em Piracicaba (SP), nascia Antonio Hércio Rasera, filho de Emílio Rasera e Iside Bragaia Rasera. Foi o quarto filho do casal e teve como irmãos: Olga, Maria Hilda, Elza, Luís e Plínio. Quando criança, o Toninho, como o chamavam na família, morou na av. São Paulo, 183, em Piracicaba.

Quando criança, escreve o seu irmão Luís, “ouvia meu pai dizer que o Toninho tinha grande gosto e apreço pelas celebrações litúrgicas. Nunca me saiu da memória”, escreve ele, “uma passagem contada por meu pai, narrando que certa vez, no transcorrer da Eucaristia, o Toninho o interrompeu para perguntar-lhe o que fazia o padre com aquelas ‘latarias’, referindo-se à patena e ao cálice utilizados na celebração”.

“Como filho, foi exemplar, dedicava verdadeira paixão por seu pai, a quem muito admirava, em especial por sua imensa sabedoria, auferida no dia-a-dia de sua existência, por sua piedade ímpar, por sua conduta honesta e reta. Amava a sua mãe, dedicando-lhe carinho especial, principalmente após a morte de seu pai, Emílio. Morando sozinha, ao lado das filhas, a mãe sempre tinha o privilégio da visita regular do filho padre, até seus últimos momentos. Constantemente, os melhores presentes que recebia eram dados a ela que, por sua vez, o considerava de forma relevante, dizendo mesmo ser o filho padre a consolação de sua existência.”

Com os irmãos tinha um carinho todo especial. “Tinha para comigo, Luís, confiança ilimitada. Em suas viagens para estudo à Europa, era eu o responsável por seus afazeres pessoais. Mantinha sempre muito contato comigo, principalmente quando estava distante, inclusive pelas ondas do radioamador.”

“Em família, a característica sacerdotal que mais nos marcou”, escreve Luís, “foi a consciênci a que o P. Toninho tinha de suas responsabilidades, em especial as de seu ministério sacerdotal. Nas viagens que fizemos juntos, tudo poderia faltar em sua bagagem, exceto a maleta em que acomodava

seu pequeno cálice, patena, estola e demais objetos para a celebração da Sagrada Eucaristia. E jamais deixava de celebrar a Santa Missa, muitas vezes sozinho, a dois ou com os demais acompanhantes do passeio. E não era uma celebração rápida, como se poderia imaginar pelas circunstâncias. Havia canto, homilia e todos os demais ritos de uma missa regular. Com certeza sempre recitou seu terço, devoto incondicional da Virgem Maria, a quem sempre pedia proteção. A liturgia das horas sempre foi o livro que o acompanhou em todos os momentos de sua vida.”

“Outra característica marcante de seu ministério, percebida por nossa família”, escreve Luís, “foi a capacidade de fazer amizades. São muitos os ex-alunos e ex-paroquianos do Liceu de Campinas e da Paróquia Dom Bosco de Americana que lhe tinham um apreço muito grande. Sabia ser amigo, confidente, verdadeiro pai, zeloso por aqueles que Deus lhe confiou”.

3. Sua vocação e missão

Sua formação

O P. Antonio Rasera conheceu os salesianos quando freqüentava o oratório festivo do Dom Bosco, em Piracicaba, em 1949. E era coroinha nas Celebrações Eucarísticas, e aos poucos foi se identificando com o altar, o oratório, os sacerdotes que conhecia, sobretudo os salesianos, que tinham um modo muito alegre e carinhoso de acolher crianças e adolescentes. Assim, chegou a pedir para ingressar no seminário salesiano, com o firme desejo de poder ser um dia salesiano e sacerdote.

Nos anos de 1952 a 1954 cursou em Lavrinhas o primeiro e o segundo graus de estudos, que o preparou para o Noviciado em Pindamonhangaba em 1954, e lhe permitiu fazer a sua 1^a profissão religiosa em 31 de janeiro de 1955. Neste mesmo ano entrou, em Lorena, no Instituto Salesiano de Pedagogia e Filosofia para cursar o ensino superior de Filosofia e dar continuidade à sua formação salesiana, que concluiu em 1956.

Como primeira obediência, após os estudos de Filosofia, foi destinado à comunidade educativa do Liceu Nossa Senhora Auxiliadora de Campinas (SP), onde exerceu o tirocínio prático de 1957 a 1959, com os alunos internos do Colégio. Em 1960, retornou a Pindamonhangaba, onde fez a

sua profissão perpétua, em 31 de janeiro de 1960, abraçando para sempre a vida salesiana. A partir de 1961 até 1964 freqüentou o Instituto Teológico Pio XI, onde fez a sua formação para o sacerdócio, no estilo de Dom Bosco. Foi ordenado sacerdote em São Paulo, na Igreja Nossa Senhora Auxiliadora do Bom Retiro, pela imposição das mãos de Dom Antonio Barbosa, Arcebispo de Campo Grande (MS), no dia 8 de dezembro de 1964.

Seu trabalho

Como sacerdote, seu primeiro trabalho pastoral foi o de ser catequista do internato do Liceu de Campinas, em 1965 e 1966. Em seguida, no mesmo Liceu, foi também catequista dos externos e do oratório, onde trabalhou de 1967 a 1970. Ainda no Liceu, foi feito diretor de 1971 até 1973.

Assim narra o livro “Arcadas do tempo” do Liceu de Campinas: “No dia 4 de fevereiro de 1971, padre Rasera assumiu seu primeiro diretorado, no Liceu Nossa Senhora Auxiliadora, sua casa, desde o longo tirocínio de 1957 a 1959, onde exercitara o contato com os jovens, contribuindo para a formação de seus assistidos. Depois de ordenado sacerdote, retornou a Campinas já no cargo de catequista e conselheiro. Assume o diretorado nas vésperas de o Liceu comemorar seu Jubileu de Diamante – 75 anos de fundação. Muito trabalho e responsabilidade o esperavam. Contava o colégio, por esse tempo, mil alunos: trezentos internos e setecentos externos. Criou-se a pré-escola, com apenas uma classe e a contratação da primeira mulher professora do Liceu: Helena Morales Pinsetta. Houve mudanças no pessoal salesiano. O padre catequista Irineu Danelon foi para a Faculdade de Lorena e o clérigo Luís Gonzaga Piccoli, que cumprira o tirocínio prático, ingressou no Instituto Teológico Pio XI. Outros, porém, chegaram cheios de disposição para o apostolado.”

O mesmo texto ainda apresenta o diretorado do P. Rasera no Liceu de Campinas como extremamente marcante, por muitas iniciativas felizes e sobretudo pelos dotes que apresentava o P. Rasera. De fato, era “dotado de excepcionais qualidades de liderança, de uma personalidade cativante e de uma franqueza e seriedade dedicadas a tudo o que fazia. Sempre disposto a servir, às vezes sofria incompreensões pelo seu humor crítico e aparentemente intempestivo. Entretanto, cultivava uma enorme bondade em seu âmago e muita alegria em seu semblante. Seu diretorado foi marcado pela dedicação firme e carinhosa aos alunos.”

Em 1974, foi designado diretor em Lavrinhas, onde permaneceu somente 2 meses, pois neste mesmo ano foi nomeado Inspetor, pelo então Reitor-Mor, Pe. Luís Ricceri, da Inspetoria São Domingos Sávio da Amazônia, até 1979.

Em 1980, após o inspetorado em Manaus, passou um ano em Roma, onde cursou espiritualidade salesiana. Em 1981 voltou para a Inspetoria de São Paulo e foi feito diretor do Liceu Coração de Jesus, em São Paulo. No ano seguinte, 1982, foi transferido para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Lorena como diretor, onde permaneceu até 1984.

A partir de 1985, foi transferido para Americana, onde foi designado como pároco. Exercitou o seu serviço como pároco até o ano de 1987. Em 1988 foi transferido para Piracicaba e designado como diretor do Colégio Dom Bosco e Assunção, onde permaneceu até 1990.

Em 1991, foi enviado a Roma para um ano de estudos e logo após, em 1992, foi designado, novamente, pároco em Americana, onde permaneceu até 1998. Completados sete anos de pároco em Americana, foi transferido para São Paulo, na paróquia São João Bosco, Alto da Lapa, onde exerceu seu serviço até o dia de seu falecimento.

4. Suas características marcantes

Alegria e Otimismo

É indiscutível para quem conheceu o P. Antonio Hércio Rasera a sua alegria e entusiasmo por tudo aquilo que pudesse fazer parte da vida, da vocação e missão salesiana e eclesial.

Merecem menção dois fatos desta alegria partilhada em família e que envolvia toda a comunidade educativa: o fato da grande vitória da fanfarra do Liceu de Campinas e o da Sagrada da Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora. Assim nos retrata “As Arcadas do Tempo”: “Digno de registro foi o dia 7 de setembro de 1973, data em que noventa integrantes da fanfarra do Liceu se apresentaram em São Paulo, no concurso nacional da TV Record, com farda de gala: jaquetas vermelhas com punho e golas brancas, dragonas douradas, barretinas de veludo e luvas e calças brancas.

O Liceu ganhou o primeiro lugar. No colégio, padre Rasera fez o anúncio da vitória à noite, no pórtico. Usou de uma estratégia, como se

fosse uma reprimenda. Os alunos foram ficando cabisbaixos e, então, veio a grande notícia. Gritos! Vivas! Aplausos! Euforia. Naquela noite, o padre diretor ofertou a todos um delicioso lanche.

No dia 28 de outubro de 1973, em meio a um elevado número de fiéis, cerca de cinco mil pessoas, entre alunos, salesianos, familiares, padres diocesanos e autoridades, com a grandiosidade do ceremonial litúrgico, muitas flores e cânticos, aconteceu a Sagrada da Igreja Paroquial do Liceu Nossa Senhora Auxiliadora pelo arcebispo metropolitano de Campinas, Dom Antonio Maria Alves de Siqueira.

A missa soleníssima da dedicação do templo completou a cerimônia. Participaram alunos da fanfarra no presbitério, pajens do pequeno clero, noviços de Pindamonhangaba, o conjunto de vozes do Liceu, aspirantes de Lavrinhas, filósofos de Lorena, órgão, pistão, guitarras elétricas. Tudo era alegria e honra à Auxiliadora.

O padre José Luís de Vasconcelos assim exprimia os votos salesianos da comunidade do Liceu: Que deveras, após a sagrada desta igreja, ela se torne realmente o trono de graça e misericórdia divina para o povo cristão sob a proteção da Virgem Maria Auxiliadora. Que ela, à imitação da Basílica-Mãe da Congregação Salesiana em Turim, possa assegurar aos seus filhos devotos: 'Esta é a minha Casa, daqui há de resplandecer a minha Glória.'"

A alegria do P. Rasera tinha matizes simples, como a de um torcedor de futebol, pelo êxito de seu time, como a alegria profunda da missão cumprida em favor dos outros, especialmente em favor dos jovens. Esta alegria ele sabia participar aos outros e contagiar o ambiente. Podemos até afirmar que ela tinha, no P. Rasera, um caráter otimista, capaz de enfrentar adversidades com confiança no trabalho perseverante e na graça de Deus que não faltaria.

Na comunidade salesiana do Pio XI, ele sempre apresentou-se com simpatia, sabia pôr-se em sintonia com os estudantes de Teologia e de alguns, pela amizade cultivada, era diretor espiritual; com os demais salesianos, sempre demonstrou simpatia, otimismo e alegria no relacionamento fraternal.

Sentido de Igreja e amor à Congregação

Associada à alegria vemos o profundo sentido de Igreja que o P. Rasera soube viver e ensinar! Sobretudo nestes últimos anos, em que viveu como

pároco, participou sempre, de modo assíduo, de todas as reuniões, assembléias,退iros, e demais encontros com o clero da região. Sempre mostrou profunda participação na caminhada da Igreja Universal e local. Seguia as orientações da diocese e procurava formar os leigos e os seminaristas maiores nesta mesma orientação. Sempre mostrou interesse pelas coisas da Igreja e pela sua missão no mundo.

A preparação para o novo milênio foi sua preocupação constante no primeiro semestre de 1999. Via como necessário o crescimento da dimensão da evangelização e da catequese através da missionariedade dos leigos nas extensões da paróquia e da diocese de São Paulo, sobretudo no território de sua paróquia do Alto da Lapa. Tinha formado e entusiasmado mais de 20 grupos de leigos no trabalho de evangelização e oração nas famílias da paróquia.

Foi notável também o seu amor à Congregação, seja no estudo e na aplicação das orientações da Congregação, seja no abraçar tarefas difíceis, como o inspetorado em Manaus, em tempos difíceis, como o do imediato pós-concílio.

São significativos e marcantes na vida do P. Rasera sua dedicação e seu acompanhamento nos últimos meses do P. Pedro Garnero, a partir de abril de 1972. O P. Garnero tinha sido Inspetor por 18 anos em vários países da América Latina, inclusive de São Paulo e também exerceu pela primeira vez a função de conselheiro regional por seis anos. Apesar de ter nascido na Argentina, quis residir no Liceu Nossa Senhora Auxiliadora e daí só saía para atender confissões e pregar apreciados retiros espirituais para o clero, para as religiosas, religiosos e especialmente para os jovens formandos. Fez a sua passagem para a Casa do Pai em fama de santidade, no dia que tinha previsto: 31/05/73! O P. Rasera o acompanhou com zelo fraterno e filial, escutando e transmitindo os seus recados para os superiores em Roma e para as inspetorias da América Latina. Escutou do P. Garnero, no leito, com lágrimas de alegria: “Que belo ter perseverado na vocação. Que satisfação morrer sacerdote salesiano!”

Zelo Pastoral

Uma terceira característica que podemos destacar como evidente no P. Rasera era o seu forte zelo pastoral. “Ao fim de seu triênio de diretorado em Campinas, sacerdote jovem e dinâmico, sensível, de temperamento



vibrante e uma alegria contagiente, exerceu seu governo sempre próximo de seus alunos, conhecendo-os um a um. Durante o diretorado, segundo pesquisa de opinião pública feita pela Sonar (Sociedade Nacional de Pesquisa e Promoções) em maio de 1972, o Liceu Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora foi considerado o melhor Instituto de ensino dos setores primário e ginásial, fazendo jus ao Troféu e Diploma ao Mérito. O P. Rasera em Campinas deixou saudades. O Liceu lhe será eternamente grato pelos melhoramentos que realizou, pelas festas e celebrações que, com tanta capacidade, organizou e, sobretudo, pela conclusão do santuário dedicado a Nossa Senhora Auxiliadora.”

Cultivou em toda a sua vida o sentido do seu chamado vocacional: “Ser, para os jovens e o povo, portador do amor de Deus.” O seu zelo se traduziu em dedicação, trabalho incansável e constante em favor das pessoas que serviu. O trabalho apostólico foi o sinal indelével do Bom Pastor (*Jo 10*), que dá a vida por aqueles que ama! O P. Rasera soube traduzir em sua vida este sinal do Bom Pastor, sabendo cultivar também aqueles momentos de maior dificuldade e sofrimento próprios de quem ama e dá a vida pelos outros. Fez como Jesus e com Jesus o caminho da páscoa, “quem quiser vir após mim, tome a sua cruz e me siga”. O seu trabalho pelo Reino foi o seu caminho de santidade: alegrias e sofrimentos, como os de Jesus, o único apóstolo do Pai. Muitíssimos receberam as graças de Deus pelas mãos salesianas e sacerdotais do P. Antonio Rasera, isto é impossível de contar e de até mesmo saber, mas os testemunhos que seguem poderão apresentar ao menos o horizonte do zelo e serviço por ele realizado.

5. Testemunhos

Quantos irmãos e amigos do P. Rasera, com a notícia do seu falecimento, quiseram exprimir a sua surpresa na dor da separação.

Os que primeiro souberam da notícia e tinham convivido com ele num retiro, dias antes, foram o bispo da região e os sacerdotes da região, que assim se expressaram por escrito:

“É com tristeza e esperança que vivemos este momento de partida do P. Rasera para a Casa do Pai. Durante o tempo em que ele esteve conosco nos ajudou a viver a dimensão da fraternidade sacerdotal e participou ativamente de nossas reflexões e trabalhos pastorais. Temos certeza de

que o P. Rasera viveu em cada encontro pessoal a dimensão do próprio Cristo que serve. P. Antonio Rasera sempre foi ao encontro de Cristo na pessoa dos irmãos, vivendo assim integralmente sua vocação sacerdotal na construção do Reino. Que o exemplo dele nos ajude a viver cada dia o ministério de Cristo em nossas comunidades e que ele reze por nós junto do Pai.”

Também de Dom Vitório Pavanello nos chegou uma mensagem e testemunho:

“Éramos muito amigos. Nós nos queríamos muito bem. Embora de temperamento diverso, nos entendíamos e nos respeitávamos. Sempre vi nele um bom salesiano que amava muito Dom Bosco, a Congregação, e gostava de trabalhar para servir da melhor forma o povo que estava sob seus cuidados. Nas assembleias dos bispos, os bispos que o tiveram como pároco sempre falavam muito bem dele, pelo entusiasmo, pela animação e pela capacidade de coordenar. Foi o servo bom e fiel. Mesmo dormindo estava vigilante. O senhor o chamou numa hora dessa. Ele soube dizer como Maria: ‘Eis-me aqui!’ Certamente goza agora as alegrias das bema-venturâncias.”

Dom Walter Ivan testemunha o tempo em que o P. Rasera serviu como Inspetor na Amazônia:

“P. Rasera foi o meu antecessor na direção da Inspetoria Salesiana da Amazônia e, exatamente há vinte anos, estava para concluir o seu mandato. Muito devemos a ele. Com os pêsames à comunidade salesiana e paroquial, vai também a afirmação de que, nas várias casas das missões do Rio Negro, rezamos missas pelo seu descanso eterno.”

Também o P. João Sucarrats, atual inspetor da Inspetoria Salesiana da Amazônia, assim testemunha:

“A Inspetoria da Amazônia tem especiais deveres de gratidão e reconhecimento para com este irmão que nos foi dado por um período de seis anos para exercer o serviço de inspetor. Chegou aqui com toda a carga da juventude aos 35 anos de idade, o entusiasmo e a vontade de acertar. Encontrou dificuldades, pois os tempos pós-conciliares foram difíceis e também pela falta de experiência nesta região que vivia situações críticas

tanto em nível da Igreja local quanto de inspetoria. Particularmente tenho dívidas especiais de gratidão para com o P. Rasera pela compreensão, respeito e atenções que teve comigo. Esta dívida se estende à família dele que me acolheu com alegria e verdadeira fraternidade em momentos de dificuldades pessoais. Deus Pai misericordioso continue enviando às nossas inspetorias irmãos desejosos de acertar, enraizados no espírito salesiano e com um ardor missionário renovado a cada dia.”

Também os inspetores de Recife e Campo Grande assim escreveram:

“Para mim, as recordações que tenho dele são muitas, devido aos anos de convivência na Faculdade em Lorena e no Instituto Teológico Pio XI. Deus já o tem consigo na posse do Reino, é a nossa viva certeza.”

P. Ricardo Sobrinho – Inspetor no Recife

“Ele que, como Dom Bosco, consumiu sua vida em favor dos jovens e do povo de Deus em geral, sem dúvida foi para junto do Pai e de lá continuará intercedendo por esta benemérita comunidade salesiana. O Deus que consagrou e acompanhou o P. Rasera aqui na terra é o mesmo Deus que o envolve com seu braço cheio de ternura, agora na morada eterna, para que ele possa usufruir da felicidade sem fim.”

P. Josef Winkler – Inspetor em Campo Grande

Outro testemunho que colhemos a respeito de nosso P. Rasera vem do P. Antonio da Silva Ferreira:

“Dele guardo sempre a recordação de seu ardente amor à congregação e de sua profunda e sincera devocão a Nossa Senhora. Certamente a estas horas Deus lhe terá dado o prêmio, junto com nossos irmãos, lá no paraíso.”

Por fim, um seu ex-aluno assim escreve:

“Tive a graça de ser formado, desde pequeno, pelos padres salesianos. O P. Antonio Rasera foi quem escreveu a minha carta de apresentação quando da minha entrada no aspirantado salesiano. Posso dizer que muito do que sou hoje é porque tive como formador o P. Rasera – como costumávamos chamá-lo em Americana. Com Dom Bosco aprendi a ter uma visão diferente da morte e por isso me dirijo, de forma informal, para

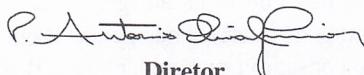


alegrar-me no júbilo com que o céu se encontra (apesar da tristeza da falta de um padre tão zeloso na sua pastoral)."

Carlos R. E. Bertozo (Comunidade da Canção Nova)

Em nossa comunidade do Pio XI, vivemos a surpresa da partida do P. Rasera para a Casa do Pai. Todos fomos unâimes em sentir a sua ausência e partida, pela pessoa que soube ser entre nós, fazendo-nos conhecer os seus dons da alegria, do entusiasmo, do zelo pastoral, do amor e respeito à Igreja e aos seus pastores. Muito colaborou na formação dos estudantes de Teologia, neste ano e meio de convivência e cursos. Somos imensamente agradecidos a ele, e a Deus, pelo que recebemos. Certamente, ele continua no céu, de outro modo, a interceder por todos nós que aqui continuamos a nossa vida e missão. O Senhor lhe dê o descanso eterno e a paz definitiva no jardim salesiano. Amém!

São Paulo, 31 de janeiro de 2000.



Diretor

Dados para o necrológio

P. Antonio Hérico Rasera

* Nasceu em Piracicaba, SP, Brasil, aos 20 de dezembro de 1938

† Faleceu em São Paulo, aos 8 de agosto de 1999

Tinha:

60 anos de idade

44 anos de profissão religiosa

35 anos de sacerdócio

Foi Inspetor Salesiano por

6 anos em Manaus, AM.



INSPETORIA SALESIANA
NOSSA SENHORA AUXILIADORA

SÃO PAULO-SP
BRASIL